

## Como pensar o trágico na filosofia hoje?

**Isabela Pimentel Peixoto**

Doutoranda em Filosofia na UERJ

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/7445529591097025>

[isabelapimentelpeixoto@yahoo.com.br](mailto:isabelapimentelpeixoto@yahoo.com.br)

88

A tragédia tem uma relação fundamental com a filosofia. Seja nos termos de Aristóteles ou Platão, idealistas e românticos alemães, Nietzsche, Rosset ou Butler, a questão da tragédia se renova. No final do século XVIII, na esteira da estética kantiana, se forma a filosofia do trágico. A questão do “trágico” como ideia, para muito além da tragédia em si, se embrenha na filosofia de forma irremediável. Sobretudo entre os alemães do século XIX, uma noção universalista baseada na exemplaridade da forma estética da tragédia vigorou durante um tempo considerável. No entanto, a filologia e a antropologia histórica passaram a tratar a tragédia, como um particular, uma instituição finita, localizada em seu tempo histórico, intransponível para além dele.

Dessa contraposição surge um suposto dilema: o trágico como uma forma abstrata, ou como um fenômeno histórico restrito. Mesmo que o olhar estetizante e universalizante do século XIX seja anacrônico, seria impossível pensar o trágico filosófico no século XXI? É certo que todo leitor da tragédia parte de uma posição, e que todas as posições (subjetivas, históricas, sociais) têm pontos cegos interpretativos, mas é possível refiná-la a ponto de não recair nas generalizações “especulativas” (Lacoue-Labarthe, 1998, p. 6) modernas nem no historicismo contemporâneo?

Uma posição filosófica sobre a tragédia pode passar antes sobre como fazer uma tragédia. Lacoue-Labarthe diz que Hölderlin se destaca da tradição de heroicização filosófica da tragédia, e faz um retorno à Aristóteles, colocando novamente a questão de como a tragédia é possível, e como fazê-la (Lacoue-Labarthe, 1998, p. 58). É possível associar esse problema a questionamentos próprios da antropologia histórica ou da filologia, como o papel do mito na tragédia. A tragédia deve sobretudo ser pensada como descontinuidade em relação à tradição, um momento de fragilização e questionamento do mito, marcada pela emergência de uma nova instituição e uma nova forma poética. A tragédia é uma invenção, não um ritual religioso, de forma que uma das mais fortes

marcas que ela deixa é a consciência da ficcionalidade, do artifício, da mímese – talvez o aspecto mais dionisiaco da tragédia – ou seja, forma e conteúdo indicam o questionamento da ordem vigente.

Se o pensamento filosófico moderno pretendeu capturar a essência do trágico e capturá-lo dentro de ontologias, não precisamos reduzir a tragédia à história, mas talvez não a limitar à postulação do ser ou de uma essência, pensando, então, a filosofia como ação dramática, como a experiência do conflito e descontinuidade (Critchley, 2019, p. 83).

**Palavras-chave:** Tragédia. Trágico. Antropologia. Filologia. Filosofia.

### **Bibliografia**

CRITCHLEY, S. *Tragedy, the Greeks, and us*. Londres: Profile Books, 2020.

LACOUÉ-LABARTHE, P. *Métaphrasis suivi de Le Théâtre de Hölderlin*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

TAMINIAUX, J. *Le théâtre des philosophes*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 1995.

VERNANT, J.P.; VIDAL-NAQUET, P. *Tragedy and Myth in Ancient Greece*. Brighton: Harvester Press, 1981.